

AS HERESIAS DOS SÉCULOS XII E XIII (I) (*).

NACHMAN FALBEL

Instrutor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Os séculos XII e XIII poderiam ser chamados os séculos heréticos, caso pudéssemos olhar a História de uma época ou período sob um único prisma, ou seja, a História da Igreja Ocidental.

A grande variedade e a multiplicação de movimentos ou grupos heréticos nestes dois séculos levam-nos a perguntar e a inquirir sobre as causas que levaram a concentrar uma oposição tão forte, e mesmo violenta, contra o corpo eclesiástico e contra as verdades tradicionais da Igreja Romana. Na verdade podemos ver na crítica herética, ou melhor dito, em parte desta crítica, uma tentativa de apontar os erros e os desvios da instituição eclesiástica, da sua intervenção no poder secular à custa de sua missão espiritual; enfim, uma tentativa de alertar a sociedade cristã de que os seus representantes desvirtuaram a verdadeira imagem da religião fundada por Cristo.

À medida que esta crítica é feita, mais se aprofundam as diferenças entre o estado reinante de coisas e a imagem do passado cristão.

Não há uma possibilidade de diálogo, uma vez que a crítica herética sonhava voltar a um passado que ficara de há muito para traz. Sua linguagem, agressiva, não era entendida ainda que a heresia se batesse pela volta ao estilo de vida de Cristo e de seus primeiros discípulos, os apóstolos. A pobreza, a humildade, a caridade dos primeiros tempos da religião não é bem o que caracteriza a Igreja nos séculos XII e XIII. O herético apela para o devaneio místico para fugir desta realidade e construir uma nova Jerusalém.

(*) . — Trabalho apresentado como matéria subsidiária ao seu doutoramento em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (*Nota da Redação*).

E pouco pôde, de concreto, alcançar a crítica herética, já que a Igreja, além de atuar em uma sociedade altamente hierarquizada, baseada na obediência contratual e normalmente feita sob juramento, tinha como elemento auxiliar, no combate à heresia, o braço secular. E, à medida que aumenta o número das heresias e sua influência, se procura aperfeiçoar os instrumentos mobilizados para combatê-las.

Assim, a Inquisição surge no cenário da história européia do século XIII para se tornar uma instituição de temor bem marcante.

Também não podemos desligar o fenômeno do surgimento das heresias nestes séculos de seu contexto histórico amplo, ou seja, o renascimento comercial e urbano a partir do século XII e que vai se intensificando cada vez mais, após um longo período de recesso e estagnação, que se estendeu até o século XI.

E' curioso observar que grande parte da heresia tem fundamento urbano e se manifesta entre o elemento humano que habita a urbe. O campo pouco tem a ver com a heresia. Portanto não deixa de ser verdadeira a afirmação de um medievalista de nossos dias ao escrever:

“Aprés 1100, le développement des courants religieux orthodoxes ou opposés au christianisme, valdeisme, catharisme, hérésies populaires, et la croissance des villes avaient confirmé la pertinence de ces options spirituelles. Vers 1200, les progrès de l'économie commerciale ou biens, meubles et monnaie étaient de plus en plus abondants, permettaient de maintenir longtemps et largement une vie de dépouillement et d'apostolat”.

Notamos um aumento demográfico acentuado a partir do século XI que, como uma de suas conseqüências levará a determinar novos agrupamentos, criando confrarias, corporações, enfim, uma nova situação social. Há uma tendência claramente comunitária, agrupante, na nova sociedade medieval.

Por outro lado podemos considerar como fator decisivo e importante no desenvolvimento das heresias, o impulso cultural e espiritual motivado pelo chamado Renascimento do século XII. Até o século XII foram traduzidos ao latim partes da *Lógica* de Aristóteles, a grande parte do *Timeu* de Platão, a *Matéria médica* de Dioscórides, o *Physiologus*, os tratados de Galeno e Hipócrates e partes do *Liber Regalis* de Ali ibn Abbas. Nos séculos XII e XIII é que se traduziram para o latim a grande parte dos textos árabes, gregos e hebraicos (1). Praticamente, a partir daí é que Aristóteles passou a ser conhecido no Ocidente. Até lá o platonismo na interpretação agostiniana era

(1). — GENICOT (L.). — *Le XIIIe, siècle européen*. Nouvelle Clio, Paris, 1968, pp. 213-218.

imperante. Uma boa parte destas traduções se deve à famosa Escola de Tradutores de Toledo que introduziu os textos árabes nos estudos ocidentais, no período de 1130 a 1150 sob a égide de Raimundo, arcebispo de Toledo. Neste trabalho destacam-se os nomes de Domingos Gundisalvo (Gundisalpinus) e João de Sevilha (2).

Toledo passou a atrair estrangeiros que colaboravam na divulgação destas traduções formando novas escolas, como as de Gerardo de Cremona e Miguel Escoto, que trabalhavam com auxílio de hebreus e árabes.

A interpretação da filosofia de Aristóteles pelos pensadores árabes chegou à Faculdade de Teologia de Paris juntamente com as traduções, introduzindo o germe das heresias teológicas que manifestara Amaury de Bene e David de Dinant.

Amaury de Bene († 1206-7) foi estudante em Paris e veio a ser, mais tarde, um de seus professôres mais ilustres, chegando mesmo a ser convidado por Filipe-Augusto para ser o preceptor do Delfim. Vinculando-se ao pensamento de Escoto Erigena († 877) chegou a formular uma concepção claramente panteísta.

“Tudo é em tudo, tudo é em Deus, Deus é tudo. Deus é simples, a natureza é simples. Mas duas substâncias simples não diferem entre elas. Deus e a matéria se confundem, portanto Deus se conhece em se refletindo na multidão de criaturas onde a essência é única. Ele é inteligência que organiza e a essência do que é organizado. Por outra parte, a inteligência é idêntica ao objeto do conhecimento” (3).

Ao mesmo tempo, Amaury procurou harmonizar sua concepção com os dogmas cristãos. Afirmava que o mundo momentaneamente diferenciado devia corresponder a três épocas classificadas sucessivamente sob a dependência de uma das três pessoas da Trindade. No curso da segunda época, cada fiel deve se considerar como um membro de Jesus Cristo, e na terceira época, cada um poderá se considerar como a encarnação do Espírito Santo. A consequência deste pensamento é que cada homem será submetido à ação salvadora direta do Espírito Santo, sem a mediação do simbolismo sacramental. De fato, ao seu ver, os sacramentos substituíram a lei, e estes, por sua vez, serão substituídos pela ação imediata do Espírito Santo. Está claro que o pensamento de Amaury, inevitavelmente, se chocava

(2). — PELAYO (M. M.). — *História de los heterodoxos*. B. A. C., Madrid, 1965, vol. 1, p. 428; v. também, NUNES (Ruy Afonso da Costa). — *Gênese, significado e ensino da filosofia no século XII*. Tese de Doutorado (mimeografada). São Paulo, 1967, pp. 193-195.

(3). — AEGERTER (E.). — *Les hérésies du moyen age*. Ed. E. Leroux, Paris, 1939, p. 62.

com a ortodoxia, uma vez que contradizia o dogma da eucaristia, o julgamento após a morte, a punição dos pecados, bem como os sacramentos. Já que a anulação final em Deus é o fim de tudo, fica suprimida a vida futura individual e deixa inutilizadas as recomendações purificadoras da Igreja.

Podemos encontrar em suas afirmações um apóio na autoridade de São Paulo, bem como na de Aristóteles. Na *Epístola aos Coríntios*, I, XV, 28, lemos: *Deus omnia in omnibus*; na *Epístola aos Colossenses*, I, 16: *In ipso condita sunt universa in coelis in terra, visibilia et invisibilia*.

Em 1204, Amaury foi reprovado pelos seus colegas da Universidade de Paris, por ter ensinado que nenhum homem pode se salvar se não crê que é um dos membros de Cristo, ou seja, que participa da divindade. Apelando para o Papa, Amaury foi condenado em 1207. Logo depois acabou abandonando sua cadeira em Paris e se retirando para um convento onde veio a falecer.

Mas o pensamento de Amaury criou asas entre seus discípulos, os amalricianos, que se aprofundaram na heresia. Falavam de uma tríplice encarnação de Deus, como Pai em Abraão, como Filho em Cristo e como Espírito Santo em cada crente. Negavam os sacramentos e as instituições eclesiásticas, viam no Papa o Anticristo e pretendiam ilimitada liberdade moral. A seita foi descoberta em Paris, em 1209, e condenada em Concílio em 1210; foram degradados das ordens sagradas e entregues ao braço secular que os fêz queimar. Entre êstes o ourives Guilherme e um bom número de clérigos. O corpo de Amaury foi desenterrado e reduzido a cinzas, que foram dispersas por todos os cantos. Em 1215 o concílio de Latrão renovou a condenação aos amalricianos.

David de Dinant († 1215) também foi panteísta e lente de filosofia em Paris. Foi aristotélico mais puro, revalorizando o antigo panteísmo e não fugindo mesmo de suas conseqüências materialistas. Tanto os *Quaternuli* como o *Liber de tomis sive de divisionibus* foram condenados ao fogo pelo sínodo de Paris de 1210. No que toca à proibição aos livros de Aristóteles e David Dinant, pouco efeito teve, a ponto de se ter de renová-la nos estatutos que o legado Roberto de Courzon deu à Universidade de Paris. Nestes estatutos se autoriza o estudo dos livros dialéticos e éticos de Aristóteles, mas se proíbe os de metafísica e filosofia natural, a *Suma* ou o resumo dêles e os tratados que encerram doutrinas de Amaury de Chartres, David de Dinant e Maurício Hispânico. Conforme a citação de Pelayo (tiradas de Duboulay, *Historia Universitates Parisienses*):

“Non legantur libri Aristoteles de Metaphisica et naturali Philosophia nec summa de eisdem aut de doctrina Mag. David de Dinant aut Amalrici haeretici, aut Mauritii Hispani”.

Como vemos, Aristóteles, ao ser traduzido para o latim, causou certa inquietação intelectual na Universidade de Paris ao ponto de associar-se seus escritos às heresias de Amaury de Chartres e de David de Dinant. Na verdade, o pensamento aristotélico teve influência não tão direta sobre estas heresias teológicas e nenhuma sobre as heresias populares do tipo da dos albigenses, valdenses ou dos beguinos. Estas nasceram e se inspiraram no sentimento popular e não no criticismo teológico; no ataque às instituições e costumes eclesiásticos e não na especulação filosófica.

Amaury de Bene teve sua importância como elemento de transição entre um tipo de heresia, a teológica, restrita ao círculo da Universidade de Paris e a heresia popular com expressão ampla nas camadas populares. O panteísmo de Amaury empregava a língua vulgar, possuía formas ontológicas precisas e simples e apresentava determinado caráter profetista que antecipa o tipo de heresia popular joaquimita que tanta influência teve na heresia medieval.

Não é nossa intenção, com este trabalho, tratar de todas as heresias dos séculos XII e XIII, mesmo porque seria impossível no marco de um trabalho como o nosso. A nossa intenção foi selecionar as heresias que tiveram maior repercussão no seio da Igreja e causaram maior impacto entre os homens da época, seja sob o aspecto do número de seus aderentes ou pela força de penetração de sua concepção ou doutrina.

Assim, deixamos de mencionar seitas como a dos “luciferinos”, combatidos por Conrado de Marburgo; a dos “irmãos do novo (Livre) Espírito”, com muitos grupos em muitos lugares e independentes uns dos outros; a dos *stedinger*, combatidos pelo arcebispo de Bremen e mais tarde por Frederico II e Gregório IX, que acabaram arrasando com aqueles camponeses habitantes do curso inferior do Weser; a heresia do holandês Tanquelmo que se insurgiu contra os eclesiásticos, declarando inválida a sua administração dos sacramentos, sendo morto em 1151; a do bretão Eudo de Stella, que foi condenado pelo Sínodo de Reims de 1148; a de Pedro de Bruys, que pregou contra o batismo das crianças, contra a eucaristia e a missa, contra os edifícios eclesiásticos e angariou amplas adesões entre a população, porém foi queimado em 1132 ou 1133. Seu seguidor, Henrique de Lausana, continuou pregando por volta de 1145 sendo combatido também por São Bernardo; a dos *passagios*, da Itália setentrional, que queriam a observância literal da lei mosaica, negavam a divindade

de Cristo e lutavam contra a organização material da Igreja; a heresia de Guillelma (1260-1281) originária da Boêmia, mas que atuou na Itália. Juntamente com um homem, Andrea Saramiti, e uma religiosa da ordem dos Humiliados, irmã Manfreda, Guillelma se identificou com Cristo, vivendo e sofrendo da mesma maneira e, conforme a crença de seus adeptos, ressuscitou e subiu ao céu, deixando na terra a irmã Manfreda. Esta, em dado momento, por meio de um sinal vindo de cima, subiria ao pontificado como o Papa do Espírito Santo, que esperaria o fim do mundo, rodeada de um colégio feminino de cardeais. Morrendo, Guillelma, em 1281, foi enterrada na capela de Chiaravella, continuando irmã Manfreda com a heresia até que seus excessos despertassem a atenção das autoridades eclesiásticas. Manfreda e outros, bem como os restos de Guillelma acabaram subindo à fogueira. Estimando o iminente desaparecimento da Igreja consideravam o Papa um intruso sentado provisoriamente sobre o trono de São Pedro. O homem, mais elevado, não necessitava de uma imagem entre a sua consciência e a verdade. Destruída a Babilônia e vencido o Anticristo, Manfreda vestiria a tiara, os Evangelistas do Espírito surgiriam e explicariam aos homens a verdade e não seu símbolo revestido de mistério e de sacramentos.

Como os acima enumerados, muitos foram os grupos e seitas heréticas da época e que deixamos de tratar pelas razões anteriormente mencionadas.

Também chamamos a atenção especial para o papel desempenhado por Joaquim de Flora que poderia ser considerado como a fonte principal das heresias populares, que em um aspecto ou outro, sofreram influência de suas idéias e visões apocalípticas. Em grande parte das heresias vemos a presença espiritual do místico calabrés. Cabe ainda observar que a heresia no seio da Ordem Franciscana será motivo de estudo mais detalhado na nossa Tese de Doutorado que tem por título: *A Ordem Franciscana na Idade Média*.

I

ALBIGENSES OU CATAROS.

Os cataros se distinguem das demais seitas da época pelo caráter dualista de sua doutrina.

Dualismo neste sentido quer dizer, a crença de que a bondade existe somente no *mundo espiritual* do bom deus; e que o *mundo material é mau* e foi criado por um deus mau ou espírito chamado Satan. O Bom e o Mal possuem dois criadores diferentes.

As seitas gnósticas também tinham as mesmas idéias.

No Oriente Médio, o maniqueísmo (Mani), adotou essas idéias e foram também disseminadas no início da Idade Média, nos Balcãs e no Oriente Próximo pelas seitas dos paulicianos e bogomilos. Os cataros estão relacionados com êsses dois últimos. E eram conhecidos no Ocidente como *publicani* (corrupção de pauliciano e também um eco dos publicanos do Nôvo Testamento) ou *bougres* (isto é, búlgaros, pois a Bulgária era o lugar dos bogomilos) mais tarde como *cathari* (*cathari* = puros) ou albigenses, da cidade de Albi, um dos centros de influência no sul da França.

A palavra albigense, talvez se refira a todos os heréticos da região, também aos valdenses.

Surgimento da heresia.

Na primeira metade do século XI, grupos isolados de heréticos, aparecem, porém pouco se conhece de seus costumes. Êstes grupos são anticlericais e puritanos e talvez alguns dualistas. Êstes grupos aparecem na Alemanha Ocidental, Flandres, França e norte da Itália. Mais tarde não se houve falar mais neles. Porém, no século XII, reaparecem nos mesmos lugares.

O período mais rápido de crescimento vem após os 30 anos seguintes a 1140. Neste período a Igreja bogomil é reorganizada, formando episcopados, enviando missões.

A *reforma gregoriana*, foi acompanhada de um entusiasmo popular, mas a Igreja falhou em canalizar êsse entusiasmo. O desenvolvimento da educação clerical e a elevada ênfase dada a importância dos sacramentos, fêz do clero mais uma classe a parte e deixou os laicos com pouca possibilidade de desenvolver sua própria iniciativa nos assuntos da Igreja. Foi entre os cavaleiros pobres, mercadores e artesãos que a heresia se tornou mais popular no século XII.

O movimento herético foi um aspecto do renascimento religioso da época, e, em parte, pelo menos foi um subproduto das mudanças culturais, sociais e econômicas dos séculos XI e XII.

A pregação de São Bernardo contra a heresia não se mostrou muito eficiente.

Cêrca de 1149, o primeiro bispo se estabeleceu no norte da França; anos mais tarde, estabeleceram-se em Albi e na Lombardia. A autoridade dêstes bispos não estava bem definida. O bispo Nicetos dos bogomilos visitou o Oeste em 1167. Visitou a Lombardia e o sul da França.

Nos anos seguintes mais bispos foram instalados na Itália. No fim do século já existiam 11 bispados no total, um no norte da França, e quatro no sul (Albi, Toulouse, Carcassonne, Val d'Aran), dois

outros foram acrescentados mais tarde, e seis na Itália (Concorezzo, perto de Milão, Desenzano, Bagnolo, Vicenza, Florença e Spoleto).

Foi na segunda metade do século XII, que a palavra *cathari* foi usada pela primeira vez na Alemanha, em 1163.

Dois partidos.

A multiplicação de bispados na Itália é devida também a uma divergência doutrinal. O bispo Nicetas veio ao Oeste em 1167 para insistir junto aos seus colegas para seguir um dualismo mais rigoroso. A diferença era interna, da própria Igreja bogomil, entre os que acreditavam que Satã, o criador do mundo foi uma vez anjo de Deus que caiu em desgraça, e aqueles que acreditavam que êle era uma divindade independente. A posição anterior implica em que Deus foi o criador universal e assim envolve um dualismo modificado; a última posição claramente afirmada no *Liber de duobus principiis*, escrito por um associado a João de Luzio, o herético, bispo de Bérgamo, era mais radicalmente dualista. Os do sul da França eram mais radicais no seu dualismo, e os da Itália divididos em duas partes. Mas a divergência variava de lugar para lugar.

A matéria, todos concordavam, era má. O homem é alienado, é um habitante num mundo mau, e sua finalidade deve ser a de restaurá-lo para a comunhão com Deus. Acreditavam na redenção dos espíritos, ainda que nem sempre na redenção universal. Também acreditavam na transmigração das almas do homem para o homem, e do homem para a besta, pois os animais também possuem almas.

Tinham regras para jejuar e a carne era proibida. Relações sexuais eram proibidas, tinham horror à procriação, pois implicava no aprisionamento de seus espíritos, ao mundo da carne. Acreditavam piamente no celibato, e em qualquer forma ascética de renúncia ao mundo, olhavam favoravelmente o suicídio.

Pelo extremo ascetismo os cataros, na verdade, eram uma Igreja de eleitos. Mas sendo popular se distinguiam então dois corpos de fiéis: os “perfeitos” e os “crentes”. Os perfeitos eram postos à parte das grandes massas dos crentes com uma elaborada cerimônia de iniciação, ou batismo espiritual, o *consolamentum*. Havia nos perfeitos, uma hierarquia de bispos e diáconos, mas não tinham o direito exclusivo de administrar os sacramentos.

À parte do *consolamentum* e ordenação, os cataros tinham outros dois sacramentos: penitência e a quebra do pão. Êste último era uma espécie de comunhão, pois não acreditavam na transubstanciação. Os perfeitos se dedicavam à contemplação e se esperava que

mantivessem o mais elevado nível moral, sendo privilégio dos crentes provisioná-los de alimento.

Os crentes não poderiam ter o alto nível dos perfeitos, sendo acusados pelos católicos de todos os tipos de vícios. Sendo as relações sexuais proibidas, não podiam ser inteiramente suspensas, provocando-se desta forma aberrações neste tipo de relações, sendo acusados por isto. Mas talvez estas acusações sejam exageradas.

As doutrinas cataras da criação, levaram-nos a reescrever o relato bíblico e a elaborar uma mitologia que a substituísse e negar a noção de que tôda Bíblia é sagrada. Viam o Velho Testamento com reserva, e o Nôvo Testamento era reinterpretado. A doutrina da reincarnação de Deus era impossível aos cataros. Jesus foi um anjo que veio para indicar o caminho da salvação, não para êle fornecê-lo pessoalmente: seus sofrimentos e morte eram uma ilusão.

O ataque da Igreja.

Pelo fato das doutrinas cataras negarem o Cristianismo ortodoxo e as instituições da Cristandade, as autoridades da Igreja e do Estado se reuniram para atacá-las.

Heréticos do século XI e princípios do século XII morreram mais pelo zêlo das autoridades laicas ou da violência da turbamulta instruída pelas autoridades eclesiásticas.

Mas com o crescimento da heresia fâcilmente se chegou à conclusão de que era preciso uma perseguição mais sistemática.

Em 1184 o Papa Lúcio III e Frederico Barbarossa se reuniram em Verona e publicaram o decreto *Ad Abolendam*, que coloca o procedimento para um julgamento eclesiástico, que após o mesmo permite a entrega de um herege ao braço secular para a punição, que significa confisco da propriedade, exílio ou, possivelmente, a morte.

A tradição estabeleceu a fogueira como a punição merecida de um herege não arrependido.

O Papa Inocêncio III (1198-1216), preferia a conversão à perseguição. Mas os cataros não eram dados a se deixar levar pela conversão, já que o crescimento dominante da heresia no sul da França e norte da Itália parecia lhes mostrar a preponderância sôbre a Igreja católica.

Recrutados eram entre os humildes, principalmente entre os artesãos, a tal ponto que eram chamados os tecelões e, é sob êste nome que é notada sua presença na Inglaterra, em 1160, por William de Newburgh e outros autores. Mas na Provença e outras partes da Itália êles recebem o apôio da nobreza.

O esforço de Inocêncio III, para conseguir o apóio de Raimundo VI, conde de Toulouse para acabar com a heresia, termina em desastre. O legado papal, Pedro de Castelnau, é assassinado (em 15 de janeiro de 1208). Uma Cruzada é declarada com um exército liderado por um grupo de barões do norte da França que massacraram os habitantes de Toulouse.

A Cruzada foi violenta e cruel, mas a perseguição organizada por Luís XI, em aliança com a Inquisição nascente, foi mais efetiva para quebrar o poder dos cataros. Em 1244 a grande fortaleza de Montsegur, perto dos Pirineus, foi capturada e destruída. Os cataros passaram à subterraneidade e muitos dos cataros franceses fugiram para a Itália onde a perseguição era menos intensa.

Colapso final.

Com a fundação da Ordem Dominicana, no século XIII criaram-se elementos dotados para a perseguição, julgamento e conversão de heréticos. A Inquisição se desenvolve gradualmente no século XIII. Por outro lado, a fundação da Ordem Franciscana ameaçava os cataros, sob outro aspecto, pois São Francisco pregava às mesmas classes em que se apoiavam os cataros, mas sua mensagem era de alegria, e ela afirmava que o mundo era de Deus, e era bom. E' melhor crer que a falha dos cataros estava na sua doutrina e apêlo, do que devido às fogueiras da Inquisição. E' sabido que o catarismo desapareceu na França e Itália ao mesmo tempo, ainda que a perseguição fôsse maior na França.

Entretanto, na França meridional, com a proteção da nobreza e aproveitando-se da negligência do clero, os albigenses haviam-se constituído numa potência terrível; uma parte da burguesia tinha-se passado para o seu lado. O Papa Inocêncio III, enviou repetidamente, a partir de 1198, à França meridional cistercienses na qualidade de legados, mas com pouco resultado. Sua apresentação pomposa não era indicada para reduzir ao silêncio as censuras que os hereges lançavam contra a *riqueza da Igreja e o lucro do clero*.

Até a obra missionária, desenvolvida com a abnegação por São Domingos, não obteve melhores resultados.

No capítulo XIII do *Libellus de principiis ordinis praedicatorum*, de Jordão de Saxonia, lemos:

Naquele tempo o Papa Inocêncio havia enviado doze abades da Ordem cisterciense com um legado para pregar a verdadeira fé contra os hereges albigenses (1).

(1). — *Santo Domingo de Guzmán, su vida, su orden, sus escritos*, B. A. C., Madrid, 1966.

Ibidem, capítulo XIX:

Durante o tempo que estiveram as cruzadas lá até a morte do conde de Montfort, foi frei Domingo o pregador afanoso da palavra de Deus (2).

Já em 1207, Inocência incitou o rei Filipe-Augusto e outros a reprimirem com as armas a heresia no concílio de Tolosa. Quando, em janeiro de 1208, o legado papal Pedro de Castelnau, da Ordem cisterciense, foi assassinado, o papa conclamou uma Cruzada contra os albigenses e seu poderoso protetor, o conde Raimundo VI de Toulouse, e reuniu um considerável exército, composto, em grande parte, de franceses do norte. A guerra albigense (1209-1229), que teve início sob direção militar de Simão de Montfort e a direção eclesiástica do legado papal, o abade Arnaldo de Cister, foi travada por ambas as partes com selvagem crueldade (massacre de Béziers em 1209, por exemplo), e se prolongou muito também devido às segundas intenções egoísticas de Simão e de outros barões.

A paz de Paris de 1229, assinalou finalmente o término, quando quase toda a França meridional já estava devastada e a força da heresia subjugada; só alguns pequenos núcleos heréticos se mantiveram ainda vivos, obscuramente, por certo tempo, apesar da perseguição movida pela Inquisição.

Ao contrário do norte, no Midi, os laços feudais não eram tão sólidos.

Os reis da França, principalmente a partir de Filipe-Augusto, conseguiram criar a unidade na Île-de-France subjugando os grandes senhores feudais. Os fatores da desagregação do império carolíngio, em decomposição, foram superados por fatores que favoreceram a união, tais como as invasões normandas no Oeste e os magiares no Leste. A defesa e a organização frente ao perigo das invasões, é que estreitaram os laços do feudalismo do norte.

De acordo com Belperron a máxima militar do norte: "Nenhuma terra sem senhor", no Midi é conservada por uma fórmula jurídica "Nenhum senhor sem título" (3). Assim se procura mostrar o caráter diversificado do feudalismo militar do norte e o jurídico, sob influência romana, do Midi. As conseqüências destas diversificações são que o *allodium* persistirá no Midi, demonstrando o caráter independente dos grandes senhores. Também no norte o *homagium* tem caráter religioso sacro, que é diminuído ou quase inexistente no

(2). — Página 158.

(3). — BERPERRON (Pierre). — *La croisade contre les albigeois et l'union du Languedoc à la France* (1209-1249). Paris, 1942, p. 19.

Midi, já que a Igreja se encontra debilitada pela heresia que prescreve o juramento.

Isto explica porque os Raimundos de Toulouse, senhores por direito, de todo o Midi, não encontrarão as fôrças necessárias para impor a sua autoridade, em seu próprio domínio, assim como os Capetos fizeram à França da *langue d'oïl*.

Como antecedentes da Cruzada contra os albigenses, podemos ver na ação de Afonso II de Aragão e seus aliados, os Trencavel e Ermengarda de Narbona, ao invadirem a Roergue, ao mesmo tempo que o legado Henrique de Albano reunia uma Cruzada de sulinos e provinciais para assediar Lavaur a fim de obrigar Roger Trencavel a romper com os heréticos.

Nas batalhas travadas, o emprêgo de *routiers* (4), de mercenários, de ambos os lados se faz sentir, já que era hábito da época.

Também as grandes cidades do Midi, que conquistaram a sua liberdade, são cidades opulentas e ricas, que estão nas mãos de uma aristocracia meio nobre e meio burguesa, capaz de se opor, eficazmente, contra os poderosos feudais. Sabemos que estas cidades não se uniram em uma frente única para se opor ao invasor. E' evidente que, em lugar de ver somente seus interêsses próprios, se unissem para apoiar Roger Trancavel e mais tarde, Raimundo VI, dando-lhes apôio financeiro, mobilizando seus cavaleiros e milícias, abrindo às tropas languedocianas o abrigo de suas muralhas, a Cruzada não teria conhecido sucesso impar e, Simão de Montfort seria incapaz de se manter no Languedoc. O fato é que as cidades não eram uniformes, pois Narbona, Montpellier, Nimes, Cahors e Rodez eram católicas. E não tinham nenhuma razão para combater a Cruzada.

As fontes cataras.

Pouco se sabe dos livros, ou das fontes cataras, não restando nenhum documento original que permita a investigação sôbre fontes diretas, com exceção de um Nôvo Testamento, traduzido para o provençal, seguido de um ritual cataro em *langue d'oc*. Talvez os tratados cataros, já limitados numêricamente por ser doutrina esotérica para uma elite, os Perfeitos ou Puros, fôssem eliminados sem deixar vestígio pelo aparato inquisitorial.

Temos enfim três tipos de fontes para estudar a heresia: a). — os processos deixados pela Inquisição; b). — os escritos dos polemistas, que para combaterem a heresia detalhavam os seus erros; c). — os manuais que certos inquisidores compuseram para orientar os seus iniciantes no combate à heresia.

(4). — GUÉRAUD (H.). — *Los routiers au XIIIe. siècle*, In "Bibl. de l'École de Chartes", 1842-43.

Os que combateram as heresia foram: Bernardo de Clarvaux; Eckbert, monje de Schönau, que escreveu contra os cataros alemães de Colônia; Alain de Lille, professor de Paris e Montpellier e também os italianos: Raynier de Sacconi (1190-1258), autor da *Summa de Catharis et Leonistis seu pauperibus de Lugduno*, que foi bispo cataro fazendo profissão de fé católica entre os dominicanos; Bonacorsi, que escreveu em Milão seu *Manifestatio heresis catharorum*, e foi doutor e bispo da seita.

Entre os autores de manuais para inquisidores, o mais célebre é Bernard Guy, o inquisidor de Toulousain. Sua *Practica Inquisitionis haeriticae praevitatis*, escrita em princípios do século XIV, é uma verdadeira obra histórica, onde o autor completou sua experiência pessoal com uma abundante documentação tirada de seus predecessores.

A estas fontes é preciso ajuntar outras, tais como: correspondências, crônicas, decretos papais, cânones de Concílios, que permitem controlar os primeiros. Pierre des Vaux-de-Cernay abre a sua história com uma tabela precisa e documentada das heresias catara e valdense.

Devido aos problemas criados para o Império Bizantino pelas inúmeras heresias que nele grassavam sucessivamente até o século IX, os maniqueus, apesar das perseguições que sofreram, puderam se manter nos séculos XI e XII, onde os encontramos implantados sob o nome de bogomilos em Constantinopla e nos Balcãs.

Sacconi contou seis Igrejas cataras do Oriente: duas em Constantinopla, uma latina e outra grega, outras na Bósnia, na Rumânia, na Bulgária e na Dalmácia.

Desde o século XII, a Lombardia conta, por sua vez, com sete Igrejas cataras. A heresia é admitida em Milão, Viterbo, Ferrara, Florença, Vicenza, Spoleto, etc.

A luta iniciada por Inocêncio III contra a heresia, se faz nesta fase somente com armas espirituais. Mas, o perigo na Itália é bem menor que o do Languedoc. Apesar das cidades lombardas sofrerem a influência do catarismo, a maioria católica ainda se impõe. No Languedoc, a conversão do conde de Toulouse e dos altos barões, à heresia ameaça tirar uma parte da França da comunidade cristã.

A doutrina catara.

Na verdade o fundo da doutrina catara encerrará o eterno mistério da coexistência e da relação de Perfeito e do Imperfeito, do Absoluto e do Relativo, do Eterno e do Temporal, do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria.

Procurando conciliar o inconciliável, êstes adeptos afirmavam que Deus, infinitivamente bom e perfeito, não podia ser o criador de um saísse do outro, enquanto que os monarquianos, numerosos na de um segundo deus, o deus do mal, que o criou para se sobrepor ao deus bom.

Os cataros não estavam inteiramente de acôrdo sôbre a natureza dêste deus-mau que êles chamavam de Satã, Lúcifer ou Lúcibel. Os de Languedoc afirmavam a coexistência dos dois deuses, sem que um saísse do outro, enquanto que os monarquianos, numerosos na Itália, acreditavam que Lúcibel não era mais que um demiurgo, uma encarnação do deus-bom, e que agia de acôrdo com a vontade dêste. Os monarquianos se aproximavam, portanto, de um monoteísmo católico.

A cosmogonia catara não é muito rígida e podemos ver nela algumas concepções do mundo. Os dualistas que não admitem a participação do deus-bom, são obrigados a dar ao deus-mau, o poder de criar o mundo *ex-nihilo*. Os monarquianos são obrigados a aceitar o fato de que o deus-bom criou o caos ou os quatro elementos e que em seguida Satã Lúcibel fêz o mundo.

A criação do homem se explica da seguinte forma: Lúcibel, após ter criado a terra, decidiu povoá-la e constituir uma milícia destinada a combater o deus-bom. Penetrou no céu, seduziu alguns anjos pela concupiscência e para prendê-los à terra deu-lhes um corpo. Após isto, os induziu ao pecado carnal, ligando-os à condição humana. A cada nascimento êle possui uma reserva de anjos decaídos que fornecem a alma ao nôvo corpo. Como na doutrina cristã o homem, desde o nascimento, está condenado, mas pelo catarismo o pecado original é determinado pelo céu.

O deus-bom, compadecido de seus anjos encadeados pelo deus-mau sôbre a terra, decidiu salvá-los e recuperá-los. Enviou um emissário que se voluntarisou entre os anjos, e que veio a ser o Filho de Deus. O corpo mortal de Cristo não foi senão uma aparência, já que uma emanação do deus-bom não pode ter contáto com a matéria, obra impura do deus-mal. Certos cataros expressavam assim as teorias da gnose sôbre a natureza de Cristo. Por uma sucessão de hipostases se havia formado entre deus e os homens uma corrente de eons, sendo cada um a emanação da divindade. A última destas emanações era Jesus, que por ser a mais afastada de Deus pôde aceitar entrar num corpo humano. Mas na sua paixão êle tirou êste envólucro carnal e assistiu, invisível, ao seu sacrifício. Em recompensa de sua missão êle veio a ser o filho de Deus.

Para os cataros, Jeová, o deus dos judeus, não é outro senão o deus-mau, pois êle criou o mundo. E', pois, Jeová que, por intermédio dos judeus, se propôs a supliciar e matar Cristo, enviado do deus-bom. A tentativa foi vã. Quanto aos anjos decaídos, Cristo levará a êles os meios e o conhecimento para se libertarem, graças ao Evangelho.

As conseqüências desta teoria saltam aos olhos. E' a rejeição do Velho Testamento, obra de Jeová, deus-mau. A missão de Cristo é uma simples missão num mundo satânico, negando-se a encarnação, a paixão e a ressurreição. O homem é criado não à imagem de Deus, mas pelo demônio.

Dáí o ódio dos cataros pela cruz e o sinal da cruz que se relacionam aos sofrimentos de Cristo e o ligam à matéria impura.

A mensagem levada por Cristo aos anjos decaídos onde a alma divina estava aprisionada no corpo satânico dos homens, estava contida no Evangelho de São João, que gozava de uma atenção especial por parte dos cataros. No Apocalipse, com seu Anticristo, pretendiam encontrar a confirmação de sua doutrina.

De acôrdo com a doutrina catara o deus-bom, triunfará sôbre o deus-mau, e em conseqüência, todos os homens serão, certamente, salvos, pois que o triunfo de Deus sôbre Satã não poderá ser completo, enquanto a última criatura de Satã não abandonar o seu envólucro carnal para alcançar seu lugar no seio da milícia celeste. Não há Inferno, nem Purgatório, pois nada de impuro pode se aproximar do deus-bom e penetrar no reino supraterrrestre. A purificação da alma deve-se fazer na terra. Esta teoria, que salvava, em definitivo, tôdas as almas, que abolia o Inferno e a danação eterna, era realmente consolante.

Os Perfeitos.

Os cataros se dividem em Perfeitos e Crentes.

Sòmente os Perfeitos que receberam o *consolamentum* fazem parte da Igreja catara. Os Crentes, como os catecúmenos da primitiva igreja, estão fora e não possuem existência religiosa salvo se recebem *consolamentum*.

Como para os Perfeitos tudo que é criado é obra do demônio, o homem não pode entrar na "Religião do Espírito", senão após haver rompido com a matéria e de uma maneira tal que viva uma limitadíssima vida material ao ponto de sòmente permitir-lhe a sobrevivência física.

Para os cataros, dar nascimento a uma criatura, seja ela qual fôr, é participar na luta do deus-mal contra o deus-bom.

Os Perfeitos proscvem, entretanto, tudo que provém da procriação. Eles se abstêm de uma forma total da carne, gordura, ovos, leite e queijo. Só permitem o vinho, o pão, os legumes, os frutos e peixes. Afora isto, observam os Perfeitos três quaresmas por ano, durante as quais eles passam três dias por semana a pão e água.

A castidade era uma obrigação absoluta para os Perfeitos. A mulher era um perigo permanente, e se fôsse tocada, mesmo involuntariamente, expunha o Perfeito a três dias de jejum. O casamento era considerado como um estado satânico, porque regularizava o crime da carne e como consequência natural, a procriação. A mulher não casada e concubina era mais aceita do que a casada. Isto levou aos cataros serem acusados de praticarem hábitos promíscuos. Os Perfeitos que observaram a castidade entre os cataros, não podiam impor aos crentes a mesma coisa, mas reprovavam o casamento, o que levava os seus adeptos a certo embaraço.

Com isto, de um lado, se condenava o casamento e se favorecia a destruição da família e por outro, levava a aceitação da união livre e a restrição dos nascimentos. Era uma antecipação da absoluta liberdade sexual.

Tomando ao pé da letra certas palavras do Evangelho, como o “não matarás”, os cataros condenavam a “morte” sob qualquer forma que fôsse, sejam em guerras ou simples condenações da justiça.

Condenavam os poderes públicos, o direito de julgar e ordenar, por que a autoridade temporal que existiu no Velho Testamento é obra do deus-mal e foi abolido por Cristo. Não prestavam juramento de forma alguma, base das relações humanas, na Cristandade medieval.

Também negavam à Igreja o direito de propriedade temporal, assim como a si mesmos o direito da posse. Mas na realidade ao se organizarem em Igreja, foram obrigados a abolir esta teoria.

O Consolamentum.

E' pelo *consolamentum* que alguém se torna um Perfeito, um puro, e entra realmente na Igreja catara.

Havia um período de noviciado de um a dois anos antes de alguém receber o *consolamentum* que estava proibido às crianças. Eram submissos a um mestre que lhes ministrava os ensinamentos religiosos. Se durante êsse tempo se mostrava o iniciante firme, então era apresentado à comunidade que deveria “elegê-lo”. Por fim se marcava o dia da cerimônia. No meio de uma sala bem iluminada repousava sôbre uma mesa recoberta de uma toalha branca o “Texto”, isto é, o Evangelho de São João. O Perfeito que oficiava e dois

auxiliares lavam as mãos e o oficiante pronuncia uma alocução onde são expostos os princípios da doutrina e as obrigações a que se deverá submeter o futuro Perfeito.

Em seguida é recitado o *Pater*, comentado frase por frase, que é repetido pelo iniciado. Na ocasião se dá o *abrenunciatio*, pelo qual o iniciado rompe com a Igreja católica. Após o que, se proster-na três vêzes para entrar na fé verdadeira, sob a benção do Perfeito e, enfim, renuncia comer o que é proibido, a mentir e prestar juramento, a matar, a cometer o pecado da carne. Após uma nova alocução do oficiante, o iniciado faz públicamente uma confissão de suas faltas e pede a Deus e a assistência que o perdoem.

O oficiante coloca o "Texto" sôbre a cabeça do iniciado, enquanto que todos os Perfeitos presentes impõem as mãos pedindo a Deus para o receber e de lhe enviar o Espírito Santo. Depois a assistência recita em alta voz a Oração dominical, o oficiante lê os dezessete primeiros versículos do Evangelho e diz novamente o *Pater*. O iniciado recebe a vestimenta do Perfeito. Os cabelos longos, sem tonsura, eram inteiramente vestidos de negro, sendo reconhecidos exteriormente com facilidade. Mas com a Cruzada êles procuraram não ficar tão expostos e passaram a usar um cordão simbólico que os homens carregavam em volta do pescoço.

Quando o nôvo Perfeito já tinha recebido a vestimenta o oficiante lhe dava o beijo da paz, que era transmitido a seu vizinho próximo e assim por diante. Quando se tratava de uma mulher o oficiante se contenta em tocar-lhe a espádua com o Texto. Se o iniciado é casado, antes da imposição do livro êle ou ela prometerá nunca mais ver o seu consorte e se vê livre do juramento conjugal.

Enfim, os Perfeitos que o "consolaram", o confiam a um confrade veterano à título de *socius* ou companheiro. E' proibido a um Perfeito de se isolar e o *socius* o acompanhará a todo lugar.

Pelo *consolamentum*, o Espírito Santo, o Paraclete consolador desce na alma do nôvo Perfeito. Seu desêjo é o abandôno do corpo satânico e sua alma poderá subir ao céu a fim de encontrar seu corpo celeste e vir a ser novamente um anjo de Deus. Certos cataros à fôrça de maceração e vontade viviam completamente à parte do mundo. Outros, devido a muitos anos de austeridade, apressavam a realização de seu ideal por meio de suicídio, ainda que não fôsse uma prática recomendada. Além do suicídio por envenenamento ou salto num precipício, ou ainda a pneumonia voluntariamente contraída, se usava comumente da morte pela fome ou seja a *endura*. O candidato ao suicídio deixava de comer até se extinguir.

O *consolamentum*, em resumo, substitui e se contrapõe aos sacramentos já que uma vez admitido na Igreja catara, de imediato se recebe o Espírito Santo, recebendo assim, o batismo, a comunhão e a confirmação. Por outro lado, como êle definitivamente lavado de suas faltas passadas, êle recebeu o sacramento da penitência e como êle pode “consolar” outros, recebe também o sacramento da Ordem. Mesmo a extrema unção é substituída como sacramento, pelo fato do Perfeito se desligar do mundo satânico dos vivos. Assim, o *consolamentum* substitui a todos os sacramentos da Igreja católica, posto o de casamento à parte. De fato, a Igreja catara se compunha somente de seus Perfeitos, pois êstes eram os beneficiários dos sacramentos. A elite que recebia o *consolamentum* era numéricamente pequena, mas sua qualidade moral muito elevada.

Os Crentes.

Os Crentes não tinham as obrigações religiosas dos Perfeitos, pelo contrário, tinham uma liberdade ímpar em relação aos perfeitos.

Todo Crente que se encontra em presença de um Perfeito deve “adorá-lo” ou fazer o seu *melioramentum*. Êste rito consiste em prostrar-se diante do Perfeito e inclinar-se três vêzes e por uma fórmula tradicional solicitar a sua bênção.

Por outro lado, os Crentes, pelo menos os praticantes e que não ousam enfrentar as provas impostas aos “consolados”, se fazem regularmente “aparelhar”, em geral uma vêz por mês. No curso do *aparelhamentum*, presidido por um Perfeito, os Crentes fazem públicamente uma confissão de suas faltas e imploram o perdão, à semelhança da confissão pública no Cristianismo primitivo. Neste rito o Crente lia uma fórmula na qual se enumeravam os pecados que todo o homem pode comter. Após, o Perfeito, declara o Crente absolvido e êste devia fazer uma penitência que consistia de três dias de jejum e cem genuflexões com alguns *Pater* como suplemento. A cerimônia terminava pelo beijo da paz transmitido de um a outro. Se o *melioramentum* era obrigatório, o *aparelhamentum* era facultativo.

O *consolamentum* dado *in extremis* facultava a salvação ao Crente, mas o problema era se assegurar que o doente não continuasse a viver. O zelo dos Perfeitos a acorrer a um leito de morto era conhecido. E êles se atinham ao princípio de que o enfêrmo deveria solicitar o *consolamentum*, e fazê-lo de viva voz. Pelo fato de que os mudos não podiam fazê-lo ou o moribundo não conseguia articular as palavras, os Perfeitos criaram a *convenientia*. Era uma promessa solene que fazia o Crente ainda em bom estado de saúde, compromete-

tendo-se a receber o *consolamentum* no caso de vir a morrer. A *convenientia* correspondia a um verdadeiro ingresso na seita e era dado aos crentes nos quais podiam depositar inteira confiança. Os cavaleiros que iam à guerra tinham o direito à *convenientia*.

O *consolamentum in infirmitate* era administrado de forma mais simples do que o *in sanitate*.

O fato dos crentes terem a possibilidade de receber o *consolamentum* antes de morrer tirava a força moral e espiritual da religião catara, já que não existia a crença no inferno e a sanção num mundo *post-mortem*, ao mesmo tempo sem os compromissos religiosos dos Perfeitos.

Os Perfeitos passam a ser a alma da seita catara, consagrando seu tempo integralmente a um intenso apostolado. Eles percorrem as cidades e os campos, pregando pela palavra e pelo exemplo. A finalidade dos Perfeitos era de um lado, engrossar as fileiras de seus adeptos e, de outro, arrancar membros dos seguidores da Igreja de Satã, a Igreja católica. Daí arremeterem com violência contra os sacramentos, as igrejas, a cruz e os cemitérios, contra o culto, as relíquias e, enfim, contra o clero.

A paixão anticlerical talvez tenha levado mais gente à Igreja catara e não seu anticatolicismo, pois a vida secular do clero na época era alvo de crítica popular impiedosa, ao mesmo tempo, justa.

Organização da Igreja catara.

Raynier Sacconi († 1258) distingüe tais Igrejas cataras no Midi: as de Albi, de Toulouse e de Carcassone. E' preciso ajuntar as de Agen e de Razés cuja existência é revelada pelos *dossiers* interrogatórios da coleção Doat. Cada Igreja tem, em princípio, uma cabeça, um bispo assistido por dois auxiliares fiéis, que eram também considerados bispos pelos fiéis.

Em 1255 realizou-se uma espécie de Concílio cataro, em Pieusse, sob a presidência de Guilabert de Castres, onde foi eleito bispo de Razés, Benedito de Termes. Os bispos eram secundados por diáconos que eram itinerantes e serviam de intermediários entre os bispos e os Perfeitos, cabendo a eles a administração material das Igrejas.

Possuiam casas onde os Perfeitos viviam em comunidade e recebiam os neófitos para estágio obrigatório. A nobreza herética confiava seus filhos aos Perfeitos, sobretudo as filhas, assim como os nobres católicos as faziam entrar no convento. Estas casas estavam espalhadas por todo o Languedoc ocidental e eram dirigidas por um superior ou superiora. Estas casas eram uma instituição pública até a Cruzada organizada contra os heréticos.

Com o crescimento da heresia, também o voto de pobreza catárca ficou ameaçado, pois o crescimento de Igrejas e bens materiais era inevitável.

A própria acusação de avareza e cupidez atribuída à Igreja romana é lançada contra a Igreja catara. Raynier Sacconi, antigo Perfeito, os acusa de querer enriquecer àvidamente, se bem que acrescenta que tal atitude se deve às perseguições que os levam a acumular bens para os tempos mais difíceis. E' significativa a acusação de Joaquim de Flora, inimigo dos cataros, e que afirma atraírem êles adeptos pelas suas riquezas terrestres.

A heresia no Midi.

Podemos atribuir como causa principal para a expansão da heresia catara a opulência da Igreja romana no Midi. O clero era rico e os bispos dispunham de um poder temporal considerável. Os bispos de Bèziers, de Agde, de Lodeve, de Albi, eram os senhores de uma grande parte de suas cidades. Também as abadias se foram constituindo pouco a pouco, em verdadeiros domínios.

Esta riqueza teve um efeito dissolvente sob o ponto de vista religioso, e podemos dizer que não encontrou nenhuma opposição. As grandes reformas monásticas não conseguiram penetrar no Midi que vivia uma vida à parte da França do norte. O episcopado meridional estava nas mãos da nobreza, que fazia eleger por pressão ou simonia os seus candidatos aos cargos eclesiásticos.

Muitos prelados são acusados de indignos e tolerantes para com a heresia e mesmo os abades são recriminados pelo seu estilo de vida laico e secular. Inocência III açoitará, violentamente, em termos, tanto a uns quanto a outros.

Por outro lado, convém lembrar que a avidez da aristocracia meridional em espoliar uma Igreja opulenta leva-a a apoiar os heréticos. As terras eclesiásticas sempre atraíram os senhores laicos e de todo modo, quando não podiam apossar-se das terras, apossavam-se dos dízimos.

A Cristandade em face da heresia.

Sem dúvida a própria existência da heresia é sinal demonstrativo da vida religiosa dos tempos medievais. Por isto não é de estranhar a violência que se gera no combate à heresia, violência essa com profunda base popular. Nem sempre o extermínio dos heréticos cataros vem de parte dos funcionários que devem justicá-los, mas da iniciativa do populacho fanatizado que não tolera a heresia "filha de Satã". E temos exemplos em que, por descuido ou não, da justi-

ça, os heréticos são arrancados das prisões e queimados sem piedade. E' o que ocorreu em 1120, em Soissons, quando o bispo Lisiard, prendeu suspeitos de heresia e, quando na sua ausência, os burgueses desta cidade os queimaram.

A fogueira não era, nesta época, apenas aplicada aos heréticos. Era a pena aplicada aos envenenadores, aos feiticeiros e aos heréticos.

A atitude da Igreja perante a heresia é, primariamente, converter os heréticos à fé católica e passando a uma atitude agressiva e ao uso da violência somente quando nada se consegue no primeiro caso. A violência popular também é condenada pela Igreja. Vemos estas atitudes nas palavras de São Bernardo após o massacre de Colônia (1145), escritas ao Papa:

“O povo de Colônia passou da medida. Se aprovamos seu zelo, não aprovamos, de modo algum, o que fez, pois a fé é obra da persuasão e não podemos impô-la”.

De todo modo o herético é considerado mais perigoso que o infiel, pois o herético em sua ação prosselista desvia o fiel da verdadeira religião para lançá-lo nos braços do demônio.

O uso do poder temporal para perseguir, justificar e exterminar a heresia se apoia na teoria das “duas espadas” do Papa Gelasius, que afirma Deus ter criado ou dado o poder temporal e espiritual ao Papa que por sua vez entregou o poder temporal aos reis, monarcas e príncipes para proteger a fé, como bons súditos que devem obediência. Em última instância a heresia que visa atacar a cátedra de São Pedro, o Papa, é perigosa, não somente do ponto de vista religioso dogmático, mas também sob o aspecto da unidade política do mundo cristão. Inocêncio III que considera o Papa acima dos reis e do poder temporal, com o direito de julgá-los, tentará estabelecer o *imperium mundi* sob a hegemonia da Santa Sé. Portanto a heresia tende a criar comunidades separadas sem contacto com o resto da cristandade, provocando conflitos.

A Cruzada Espiritual (1147-1209).

Antecedeu a Cruzada contra os albigenses um período de cêrca de cinqüenta anos, onde se usaram meios pacíficos para impedir a expansão da heresia. O historiador da Cruzada contra os albigenses, Belperron, denomina êste período, o da “Cruzada Espiritual”.

Destacam-se, nesta fase, as grandes personalidades da Igreja medieval como pregadores contra a heresia, São Bernardo e São Domingos.

A ameaça que representa a heresia catara é assinalada, oficialmente, pela primeira vez, em 1119, no Concílio de Toulouse, sendo

oficialmente excumungada por Calixto II (5). Inocência II renova o anátema.

Inocência II designou seu legado no Midi, Alberico, monge de Cluny para combater a mesma. Alberico pediu a ajuda de Geoffroy, bispo de Chartres e de São Bernardo. Chegando a Toulouse, onde se encontrava Henrique de Lausanne que converteu à heresia nobres e burgueses, em particular, tecelões, São Bernardo conseguiu reavivar com sua pregação a fé católica. Mas a heresia não foi exterminada.

Em 1163 o concílio de Tours, presidido pelo Papa Alexandre III, constata que

“uma danosa heresia se espalhou na região de Toulouse, onde ganhou, pouco a pouco, a Gasconha e outras províncias...”.

No Concílio de Lombers, c. 1178, novamente a heresia foi condenada. Nesta época, é que se realizou o Concílio cataro de Saint-Felix de Caraman, c. 1167, presidido pelo patriarca cataro de Constantinopla, Nicetas. Mas com o insucesso da pregação e as condenações esporádicas, o tom de combate à heresia se fez cada vez mais forte.

Assim, no terceiro Concílio Laterano, em 1179, se verifica pela primeira vez um apêlo ao braço secular. O cânone 27 trata dos heréticos e em particular dos cataros de Languedoc.

“Se bem que a igreja”, como diz São Leão, “se contenta de um julgamento sacerdotal e não emprega execuções sangrentas, ela deve recorrer às leis seculares e pedir ajuda dos príncipes a fim de que o temor de um suplicio temporal obrigue os homens a empregar o remédio espiritual. Assim, como os heréticos, que alguns denominam cataros, outros patarinos e outros publicanos, fizeram grandes progressos na Gasconha, em Albi, na região de Toulouse e outras, onde ensinam os seus erros e se esforçam em perverter os simples, nós o declaramos anátemas com seus protetores. Nós proibimos a todos de ter qualquer relação com eles. Se eles persistem em seu pecado, não se fará nenhuma ação em seu favor e não se lhes dará sepultura entre os cristãos”.

Para executar esta sentença Alexandre III designou como legado o abade de Clarivaux, Henrique, mais tarde cardeal de Albano. Este, além de enviar pregadores, organiza uma Cruzada, a primeira contra os heréticos. Reune um contingente de cavaleiros católicos da Provença e do baixo Languedoc e põe sítio a Lavaur, reduto dos heréticos, protegidos por Roger II Trencavel. Isto em 1181.

(5). — Mansi, *Concilia*, vol. XXI, p. 226.

Apesar de tudo a heresia permaneceu triunfante no Languedoc até a subida do trono papal, em 1198, de Inocêncio III.

Já em 1204 e 1205, Inocêncio III havia se dirigido ao rei Filipe-Augusto, apontando que pelo decreto *Ad abolendam* êle tinha direito de privar os feudos de vassallos que protegem os heréticos. Filipe-Augusto ocupado com a guerra contra os Plantagenetas não deu muita atenção ao pedido papal. Em 1207, Inocêncio III novamente escreve a Filipe-Augusto:

“É preciso que os sectários sejam esmagados pelo vosso poder e que as misérias da guerra os aproximem da verdade”.

Ao mesmo tempo êle envia uma carta circular nos mesmos termos aos grandes feudatários do reino, ao duque de Borgonha, aos condes de Bar, de Nevers, de Dreux e, em geral, a todos os fiéis do reino da França, aos quais promete indulgências iguais às da cruzada à Terra Santa.

Na verdade isto já representa um apêlo direto à Cruzada contra a heresia.

A resposta de Filipe-Augusto ao Papa mostra uma tentativa de evasão em participarem de tal empreendimento. O que vai mudar a atitude do monarca e seus vassallos é um acontecimento inesperado: o assassinato do legado papal Pedro de Castelnau, por Raimundo VI, em 14 de janeiro de 1208.

A Cruzada albigense.

No mês de junho de 1209, o exército cruzado se concentrou em Lyon. Este exército era composto no modelo de todos os exércitos feudais.

À sua frente marchavam os grandes senhores eclesiásticos e laicos, seguidos de um número variável de vassallos e cavaleiros assalariados ou voluntários. Entre a elite feudal encontrava-se o arcebispo de Sens, os bispos de Autun, de Clermont, de Nevers, bem como três grandes feudatários da Corôa: Eudes III, conde de Borgonha, Hervé IV, conde de Nevers e Gaucher de Châtillon, conde de Saint-Pol. Após, vinham os grandes barões e os cavaleiros mais importantes, que agrupavam, em redor de si, número reduzido de cavaleiros. Guilherme de Roches, o célebre senescal de Anjou, o conde de Bar-sur-Seine, Gaucher de Joigny, Guichard de Beaujeu e muitos outros nobres. Também se agregaram à Cruzada senhores da Provença, vassallos de Raimundo VI que a êles se ajuntaram na sua passagem pela região, entre êles Adhemar de Poitiers, Pierre Bermond, genro de Raimundo VI.

Além dos simples cavaleiros se ajuntaram à Cruzada muitos aventureiros que desejavam ganhar as indulgências prometidas por Inocêncio III. A pregação popular arrastou consigo massas populares de tôdas as classes da população, *universis populis*.

O cálculo estimativo do número de participantes da Cruzada, segundo o autor da *Chanson*, Guilherme de Tudela, é de 20.000 cavaleiros armados e de mais de 200 mil vilões e camponeses, isto sem contar com o clero e os burgueses (6). Ora, como o cavaleiro normalmente era seguido de acôrdo com suas posses de um ou mais escudeiros, de sargentos de armas montados ou a pé, e de valetes, um cavaleiro constituía uma célula de mais ou menos cinco combatentes, em média. Portanto a cifra de Guilherme de Tudela é astronômica e fantasiosa.

Nesta primeira fase da cruzada se destaca a crueldade na destruição de Béziers (julho de 1209) e de Carcassone (agosto de 1209). Em Béziers o massacre foi terrível, conforme o testemunho da *Chanson* (7).

A Cruzada albigense continuou no seu afã de extermínio da heresia. Com Simon Montfort se faz a guerra contra o vice-condado de Trencavel (setembro de 1209-maio de 1211), reduto de heréticos sob a proteção de Raimundo-Roger de Trencavel. A campanha militar se estendeu, em seguida, ao condado de Toulouse (junho de 1211-dezembro de 1212). Destacam-se, nesta fase da campanha, a rendição de Cabaret e a tomada de Lavaur.

Em junho de 1211 se fêz o cêrco de Toulouse e em setembro de 1211 o de Castelnaudary. De outubro de 1211 a novembro de 1212 se conquista o Agenais e o Comminges.

Em dezembro de 1212, Simon de Montfort promulgará os estatutos de Pamiers codificando as conquistas dos novos senhores feudais e regularizando-as com um nôvo direito.

Mas, em 1212, Raimundo VI, despojado de seu condado passara os Pirineus a fim de solicitar a ajuda de Pedro II de Aragão. Apesar da coligação estabelecida entre Pedro de Aragão e Raimundo VI, Simon de Montfort os derrotará de forma espetacular na batalha de Muret (10 de setembro de 1213) onde o rei de Aragão encontrará a morte. Com o triunfo militar, Simon de Montfort se afirmará mais e mais como senhor de Toulouse. O Concílio de Latrão em 1215, organizado por Inocêncio III e que tratou das here-sias da época, confirmou as novas possessões de Simon de Montfort.

(6) : — *La chanson de la croisade Albigeoise*. "Les classiques de l'histoire de France au Moyen Age". Paris, 1931, p. 37.

(7) . — *Op. cit.*, p. 59.

Ao mesmo tempo, o Concílio permitiu a conciliação dos senhores do sul com a Igreja, com o compromisso de perseguirem a heresia. Com isto as terras do senhores do Midi foram, em parte, asseguradas.

Em 1216 a Provença se subleva e Simon de Montfort novamente é obrigado a pegar em armas, desta vez já cansado de tantas lutas. Raimundo VII, consegue cercar Baucaire (em maio-agosto de 1216) e vencê-la, em total desobediência ao compromisso firmado no Concílio de 1215; mas Inocêncio III já tinha falecido nesse ínterim. Simon de Montfort nessa batalha foi obrigado a negociar com seus inimigos. O estímulo dado aos senhores do Midi por esta derrota de Simon de Montfort faz com que se estenda a sublevação, arrastando as novas batalhas, mas já não contando com o apôio e o prestígio anterior.

Após algumas tentativas para enfrentar a nova situação, Simon de Montfort, encontrará a morte no segundo cêrco de Toulouse (outubro 1217-julho de 1218). A Cruzada também morre com Simon de Montfort, após ter semeado a destruição por todo o sul, mas sem ter terminado com a heresia.

Com a morte de Simon Montfort, Honório III, que sucedeu a Inocêncio III, foi obrigado a transferir a causa da luta contra a heresia ao rei da França, Luís VIII.

Raimundo VI havia morrido em 1222, e seu filho, Raimundo VII, o substituiu no amparo à heresia, que a partir de 1220 até 1226, teve um intervalo pacífico, passa a exercer a sua doutrina.

Durante a Cruzada e a ocupação francesa os Perfeitos passaram de Carcassone para Toulouse, de Toulouse para Foix, de Foix para a Provença e, por último, às montanhas. Montsegur, por ser uma fortaleza inacessível, serviu-lhes de refúgio, com a pausa havida entre 1220 a 1226, após o que começaram os Perfeitos a sair de seu refúgio reabrindo os antigos conventos.

Em 1224, Luís VIII empreende uma nova Cruzada, liderando os barões do Norte, que durante três anos vão de conquista em conquista, até que, em Avignon, após um cêrco prolongado (junho-novembro de 1226), terminará esta fase de luta contra a heresia.

Na conferência de Maux, de dezembro de 1228 a janeiro de 1229, estabeleceu-se um projeto de paz assinado em Paris, em abril de 1229, onde ficou determinado que o Languedoc ficasse como parte integrante do reino e onde Raimundo VII se submete a tôdas as condições que lhe foram impostas pelo tratado.

A partir de 1230 vai cessando a oposição ao tratado que tinha despojado Raimundo VII e seus barões, de suas possessões e de seus bens. A política dúbia do nôvo Papa Gregório IX em relação a Rai-

mundo VII, também incentivava uma reação do Midi, considerando que esta nobreza se encontra em situação difícil e privada de todo o poder e incapaz de dar aos seus súditos uma proteção real. Assim, em 1240 e 1242 assistimos a novas revoltas do Midi. Em uma destas, inquisidores foram assassinados, provocando a ira da opinião pública (o fato ocorreu em Avignoret em 1242). Como reação ao assassinato, Avignoret foi tomada, sendo que em 1244 o grande reducto dos cataros em Montségur foi tomado de assalto dando um golpe duro nos heréticos.

Porém, a heresia não havia terminado com Montségur. Na última metade do século XIII, após a morte de Raimundo VII em 1249, nós assistimos uma intensa atividade por parte da Inquisição na perseguição aos heréticos, demonstrando que a heresia continuava viva mesmo que Afonso da França, sucessor de Raimundo VII promettesse clemência para com os descendentes dos heréticos. Os que restaram da perseguição fugiram para a Lombardia e outros lugares da Itália, que servia de refúgio à heresia. Em 1274 se estima, de acordo com Runciman (8), que não restou mais nenhum bispo cataro na França e que para ser ordenado Perfeito o herético deveria viajar para a Itália para receber o rito dos bispos que se encontrava ali.

As violências e perseguições da Inquisição são assinaladas em 1277 e 1278. Em 1296, em Béziers e Carcassone, os inquisidores são repelidos pelo povo e pelas autoridades municipais, e sentimos a queda da simpatia popular pela instituição.

Nos inícios do século XIV houve uma renovação das perseguições sob o reinado de Filipe IV, o Belo (entre 1304 e 1312), terminando com toda a esperança da heresia se renovar. Nas décadas que se seguem a constante pressão sobre os heréticos levou a seu quase total desaparecimento do cenário da França.

* *
*

Apêndice 1.

De acordo com RUNCIMAN, são diversos os nomes dados aos heréticos dualistas na Europa (p. 168-170).

1. — *Bogomils*, βογόμελοι, βογομγλος. Este nome deriva do heresiarca búlgaro, e era empregado pelos escritores de seu país, e comumente pelos autores bizantinos. Fora da Bulgária e Bizâncio parece ser desconhecido.

(8). — RUNCIMAN (Steven). — *Le manichéisme médiéval*. Paris, Payot, 1949, p. 133.

2. — *Phoundaites*, Φουνδαῖται, Φουνδαίται. Deriva de Φούγδα, sacola, que os heréticos levavam. Não se encontra senão entre os autores bizantinos do século XII.
3. — *Koudougères*. No século XV mencionado por Syméon, metropolitano bizantino de Tessalônica. O nome vem, provavelmente, da cidade de Koutogertsi, perto de Kioustendil, ou de Kotougeri, perto de Vodena, na Macedônia.
4. — *Babouni*. Dados, assim parece, aos heréticos no século XIV, na Servia e Bósnia.
5. — *Cathares, cathari, kathari, catari*, em alemão: *Ketzer* (herético). Também *Cazari* ou *Gazari* (Etienne de Bellavilla, p. 90 diz: “Dicuntur a Lombardis Gazari”. Καθαροι provavelmente originário do nome que os heréticos davam a seus “eleitos”, a classe dos purificados, empregado pela primeira vez por Eckbert, na Alemanha, nos meados do século XII. Na Itália, Moneta e Sacconi o empregavam.
6. — *Patarinis, Patareni, Paterini, Patrini, Paterelli, Patalini*. Este nome foi dado na primeira parte do século XI ao partido das reformas radicais na Igreja de Milão. Muito empregado na Itália e Dalmácia após o século XIII.
7. — *Poplicains, Publiciani, Populicani*. Este nome latinisa “pauliciano”. Espalhado, sobretudo, no norte da França no fim dos séculos XI e XII.
8. — *Deonarii*, aparece uma vez na *Chronica* de Vézelay. E', talvez, um erro, por *telonarii*, variante natural de *publicani*.
9. — *Piphles, piphules, pifli*, nome dos heréticos em Flandres, corrupção provável de *poplicani*.
10. — *Bougres, bulgari*, búlgaros.
11. — *Albigenses*. Etienne de Bellavilla diz assim: “Dicti sunt Albigenses, propter hoc, quia illam parem primo in Provinciae quae est versus Tolosam et Agennensem urbem, circa fluvium Albam infecerunt”. Se empregava na segunda metade do século XII ao se falar dos cataros de Albi. Com a cruzada contra os heréticos se applicava a todos êles e mesmo aos que na igreja católica faziam opposição aos cruzados. Por outro lado “toulousam” ou “provençal” visa, em geral, um cataro.
12. — *Textores*, Eckbert “hos... Gallia Texerant, ab usu texendi, appellat”.
13. — *Runcarii, rungarii*, em alemão: *runkeler*. Foi applicado este nome a uma seita catárca do século XIII. Na sua lei contra os heréticos, Frederico II, os chama *roncaroli*. Provavelmente um nome geográfico.
14. — *Bonshommes*, é o nome que os heréticos franceses davam aos seus Perfeitos, na conversação. Os católicos generalizavam.

15. — *Garatenses* — Supõe-se que designa a Igreja fundada pelo bispo Garatus de Concorezzo.

*

Apêndice 2.

Sobre os cataros no "Manual do Inquisidor" de Bernard Gui:

A intenção de imitar a vida da Igreja em seus primórdios se revela nos ritos cataricos descritos por Bernardus Guidonis em seu Manual.

"Item, omnia sacramenta Romana ecclesie domini Jhesus Christi, videlicet eucharistie seu altaris ac baptismi qui fit aqua materiali necnon confirmationis et ordinis et extreme unctionis et penitentie ac matrimonii inter virum et mulierem, suigillatim et singula asserunt esse inania atque vana. Et configunt, tanquam simie, quedam alia loco ipsorum, que quasi similia videantur, confingentes loco baptismi facti in aqua baptismum alium spiritualem, quem vocant consolamentum Spiritus Sancti, quando videlicet recipiunt aliquam personam in sanitate vel in infirmitate ad sectam et ordinem suum per impositionem manuum secundum ritum suum execrabilem".

"Loco vero consecrati panis eucharistie corporis Christi, confringunt quemdam panem quem apellant panem benedictum seu panem sancte orationis, quem in principio mense sue, tenendo in manibus secundum ritum suum, benedicunt et distribunt assistentibus et credentibus suis".

(*Continua*).